

SEVERINO DO HORTO: A VOZ POR ESCRITO*

Francisco Régis Lopes Ramos**

Pelejas da memória

Em março de 1889, aconteceu, pela primeira vez em público, o “Milagre de Juazeiro”. A hóstia transmutou-se em sangue quando a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (1863-1914) recebeu a comunhão em missa celebrada pelo Padre Cícero. Além desse, outros fatos extraordinários foram anunciados: colóquios da beata com Jesus, sangramento de crucifixos e êxtases. Daí, surgiu um forte movimento religioso: as romarias de Juazeiro. Os sertanejos começaram a alimentar crenças sobre o poder miraculoso do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo, criando rituais e narrativas em torno das forças do Além que aliviavam os sofrimentos do viver.

Na religiosidade dos romeiros que se dirigiam para Juazeiro, a transformação da hóstia em sangue anunciava que o remoto povoado era um território de salvação para todos os pecadores. Os acontecimentos estavam relacionados com as lágrimas de Cristo diante dos “desvios” que se operavam em todo o mundo. Tratava-se de um sinal da Divina Providência para a rápida conversão dos filhos rebeldes. Muitos sertanejos acreditavam que, diante das ofensas a Deus, o milagre de Juazeiro era um prenúncio do *Dia do Juízo Final*. No entanto, outros motivos – igualmente fundamentais – se faziam

* Texto elaborado com base em estudos realizados no decorrer da disciplina “Seminário de Pesquisa”, ministrada pela professora Yara Aun Khoury, no primeiro semestre de 1998 (PUC-SP). Apresenta, de modo resumido, algumas questões constitutivas do texto final da tese de doutorado *O meio do mundo: territórios do sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*, que foi orientada pela professora Maria Odila Leite da Silva Dias, no período 1997-2000.

** Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em História (PUC-SP) e professor do Departamento de História da UFC.

presentes, como a cura de doenças ou uma melhora nas condições de vida. Quase todos os peregrinos procuravam tratamento para alguma enfermidade. Acreditavam que, naquele lugar, Deus estava de ouvidos abertos para atender os pedidos.

Com base nos relatórios apresentados por duas comissões de inquérito, D. Joaquim, o Bispo do Ceará, anunciou, em 1892, que não havia milagre nos acontecimentos observados. Com isso, o Padre Cícero foi proibido de pregar, confessar, dar conselho aos fiéis e celebrar missa em Juazeiro.¹

Enquanto o Bispo do Ceará afirmava que tudo tinha origem no “fanatismo dos ignorantes”, aumentavam as crenças sobre a existência de milagres em torno do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo. Juazeiro transformava-se em um lugar sagrado, atraindo romeiros das mais remotas paragens do Sertão. Mesmo com as várias proibições da Igreja, o número de devotos não diminuiu. Pelo contrário, com o passar do tempo, o fluxo de peregrinos para Juazeiro foi paulatinamente aumentando.

Depois da morte do Padre Cícero, em 1934, Juazeiro continuou a crescer. As peregrinações não mostraram o menor sinal de desânimo. Na memória dos romeiros, circulavam – e ainda circulam – várias histórias sobre a origem das romarias. Mas são poucos os devotos que fazem uma referência mais prolongada à existência da Beata Maria de Araújo.

Nas narrativas sobre os prodígios de Juazeiro, quase tudo se cria e pouco se copia. Cada devoto configura, ao seu modo, as histórias que fundamentam a existência do sagrado na cidade do Padre Cícero. É possível encontrar traços comuns, mas há uma imensurável variedade de versões sobre um mesmo acontecimento. Como disse uma devota de Alagoas, durante a “romaria dos finados”, em 1989, “todo romeiro tem coisa pra contar. Se for pra ouvir cada história, o mundo se acaba e a pessoa não consegue escutar tudo. Juazeiro é maior do que o mundo...”. O depoimento do poeta de cordel Severino do Horto, gravado em 1999, mostra alguns traços que fazem os engenhos dessa memória:

1 A conflituosa relação entre a Igreja e Juazeiro insere-se no processo de “Romanização”. Em linhas gerais, os historiadores usam o termo “Romanização” para caracterizar as diretrizes adotadas pelos dirigentes da Igreja Católica na segunda metade do século XIX. Sobretudo depois do Concílio Vaticano I (1869-1870), as políticas da Santa Sé desenvolveram várias ações no sentido de fortalecer a hierarquia no funcionamento da estrutura clerical. Para a Igreja, os devotos de Juazeiro eram “fanáticos”, que desobedeciam as ordens do Bispo e inventavam crenças sem fundamentação na doutrina católica.

A romaria daqui começou com esse negócio desse fenômeno da Beata Maria de Araújo. Essa Beata era uma Beata que Meu Padrinho Cícero criou desde pequena, essa menina. Aí, ela começou guardando aquelas palavras do Meu Padrinho Cícero, aí foi se santificando. Foi uma Beata santa. 28 anos de idade, na época. Aí quando ele foi dar a comunhão a outras mulheres, quando chegou em Maria de Araújo, a hóstia devolveu em sangue. Mas o Padrinho Cícero ficou ocultando pra ninguém saber. Porque ele sabia que o Bispo de Fortaleza, que era D. Joaquim, parece... O Bispo não ia aprovar isso aí, né? Como de fato não aprovou. Aí veio um padre do Crato, Monsenhor Monteiro, né? Aí chegou aqui e celebrou uma missa... e tal... Aí quando deu a comunhão as outras mulher aí foi dar a comunhão a Maria de Araújo, a hóstia devolve em sangue outra vez. Aí o padre Monteiro entusiasmou-se. Disse:

– Padre Cícero, olhe, a hóstia que eu fui dá aquela menina, a Maria de Araújo, devolveu em sangue, e o sangue líquido que foi para o cálice, e tal...

Aí o Padrinho Cícero disse:

– Você fique calado com isso Monteiro, porque se você for publicar isso, você vai negar. É uma verdade, já faz mais de dois anos que eu venho ocultando isso aí. Que eu sei que o Bispo não vai aprovar:

Aí o Monteiro disse assim:

– Eu negar, Padre Cícero? Eu que vi com os meus próprios olhos? Eu quero cegar dos dois olhos se eu negar!

Aí o Padrinho Cícero disse:

– Pois você vai negar e vai ficar cego.

Aí, pra encurtar a história, ele voltou para o Crato, juntou três mil pessoas e aí começou a romaria daí. Três mil romeiros. Aí quando o Padrim Cícero soube ficou meio preocupado:

– Mas Monteiro pra que é que você fez um negócio desse? Você vai negar e você vai cegar!

Depois, aí foram pra Fortaleza, porque o Bispo chamou lá. Chegou lá, aí o Padrinho Cícero ajoelhou-se lá perante o Bispo e jurou como era o sangue de Jesus, com a mão no livro. Quando bateu pra o Padre Monteiro jurar também, aí Padre Monteiro fracassou. Fracassou, aí disse:

– Eu não sei direito, num sei o que...

E cegou logo lá. Já saiu cego. Foi brincar com as coisas de Deus... (Depoimento de Severino do Horto, dado ao autor, em Juazeiro, 1999)

Nessa narrativa, Maria de Araújo não é uma personagem totalmente esquecida. Por outro lado, trata-se de uma memória na qual o protagonista dos eventos não é a Beata e sim o Padre Cícero. Ele é quem conduz o encadeamento dos fatos: a Beata torna-se santa porque incorpora os ensinamentos do Padre Cícero; a Beata não fala e aparece como instrumento por meio do qual o Padre Cícero abriu as portas para o Sangue de Cristo. Entre os fiéis, é quase uma regra compor narrativas nas quais a Beata

aparece em segundo plano, ou nem aparece. No final das contas, o papel principal é ocupado pelo Padre Cícero. A forma pela qual Severino do Horto deu continuidade ao seu depoimento confirma esse princípio, que faz do Padre Cícero o dono das ações:

Régis: – E por que é que o Bispo não aceitava?

Severino: – Eu já me esqueci do seu nome...

Régis: – É Régis.

Severino: – Sim, Seu Régis. É porque o Sr. vê... desde o tempo de Jesus Cristo...

O Sr. desculpe a minha pergunta... O Sr. faz parte do catolicismo ou é de uma seita?

Régis: – É... eu sou católico e gosto muito do Pe. Cícero.

Severino: – Ah! Tá bom. Por que às vezes a gente tá conversando... e é de outras religião... Mas, assim tá muito bom, gosta do Meu Padrim... Bem, aí o Sr. sabe que no tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andou no mundo, é claro que ele teve amigo e inimigo, né? Teve até um traidor, que foi Judas Iscariotes que traiu. Assim do mesmo jeito o Padrinho Cícero. O Padrinho Cícero tinha amigos e inimigos. Aí, quando aconteceu isso, os inimigo atacaram tudo contra o Padrinho Cícero, dizendo que era fanatismo, que era embuste. Mas, na verdade, não era nada disso. Aí, lá em Roma, condenaram, num tribunal que tem lá. Aí o Padrinho Cícero ficou humilhado. Mas, aí o Padrinho Cícero disse assim:

– Ninguém se incomode, porque essas verdades, no fim dos tempos, elas vão ser aprovadas. E ninguém acaba essa romaria daqui. Que essa romaria daqui é chamado de Deus.

E o Bispo lá passou a ordem:

– Não é pra vim mais nenhum romeiro!

Quando ele passou essa ordem, aí foi que aumentou o número de romeiro... (Depoimento de Severino do Horto dado ao autor, em Juazeiro, 1999)

Note-se que o Padrinho Cícero continua como protagonista. Enquanto isso, a Beata sai de cena, como se sua presença não tivesse grande importância. Além disso, percebe-se um recorrente cuidado quando os fiéis conversam com desconhecidos: saber se o interlocutor é devoto do Padre Cícero. Nesse momento da entrevista, Severino ainda se mostrava meio acanhado, sem saber bem com quem estava falando, pois é senso comum entender que, assim como Cristo, Padre Cícero tem amigos e inimigos...

Foi em sua pequena loja de artigos da fé que conheci Severino. Um compartimento feito de madeira e flandre, com cerca de seis metros quadrados, localizado no meio de várias outras barracas enfileiradas que também vendiam toda sorte de “Lembranças de Juazeiro”, como chaveiros, copos de alumínio, camisas de meia e uma enorme variedade de imagens e retratos do Padre Cícero ou de outros santos, além de raízes medicinais, o famoso “Bálsamo Padre Cícero” e a igualmente conhecida “Pomada Padre Cícero”,

que, de acordo com o rótulo, cura qualquer tipo de enfermidade. Tudo isso em cima da Serra do Horto, logo atrás de uma grande estátua do Padre Cícero com 25 metros de altura, que foi construída em 1969 e que logo se transformou numa imagem de devoção dos peregrinos.

Depois de mostrar interesse em conhecer a “História de Juazeiro”, pedi que ele contasse a vida do Padre Cícero, para ficar registrado no gravador. A conversa ocorreu em seu lugar de trabalho, quer dizer, em sua loja, apertada e improvisada, como as outras que ali estavam. Assim era mais viável porque, enquanto falava, não ficava empicado de vender sua mercadoria. Depois, a sua voz na fita magnética tornar-se-ia quase inaudível, porque as outras barracas deixaram seus equipamentos de som no último volume. Enquanto um tocava *Sandy e Junior*, outro relembrava os sucessos de *Valdic Soriano*. Ainda era possível ouvir, ao longe, a fita estridente dos *Benditos do Padre Cícero*.

Nesse primeiro encontro, as histórias do poeta Severino, durante mais de uma hora de conversas, ficaram registradas em seu enigma fundador: uma (con)fusão de temporalidades que misturam sagrado e profano, presente e passado, tudo em uma lógica pouco canônica. Atualizações de memória e esquecimento do sangue que fertilizou a imaginação dos sertanejos.

No desenrolar da entrevista, emergia uma força ancestral, tom poético e profético que articulava voz e gestos em torno dos mistérios de Juazeiro. Não era um simples informante e sim um missionário pregando o poder do rosário e a glória de Nossa Senhora das Dores, a padroeira de Juazeiro do Padre Cícero. A fé calcada nas tradições dos romeiros aproximou Severino das narrativas que fundam e reinventam a sacralidade de Juazeiro. Nesse íntimo contato com a urdidura de memórias em torno da cidade, ele se sentiu seduzido pela idéia de escrever folhetos de cordel. Era uma forma de expressar sua fé de um modo mais concreto e, ao mesmo tempo, uma tática para ganhar algum dinheiro: “... *eu gosto sempre de saber das coisas de Juazeiro, aí até dá pra fazer um versinho... porque o romeiro gosta muito de saber das histórias do tempo do Meu Padrim Cícero, e compra esses folheto...*”.

Mesmo deixando Maria de Araújo em segundo plano, quando o assunto é a “História de Juazeiro”, Severino é um dos poucos poetas que fizeram um folheto cujo o título traz o nome da Beata: *Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo*, publicado em 1989. Indício, certamente, de uma revitalização da memória em torno do sangue derramado, que por muito tempo fora assunto proibido em Juazeiro.

Nesse folheto, Severino reafirma a sua posição de homem desassombrado, ardente defensor dos “Milagres de Juazeiro”: “Botei a pena na mão / com o coração nervoso / para descrever em verços / um assunto melindroso / desta verdade eu não fujo / sobre Maria de Araújo / e o sangue misterioso”. Mesmo referindo-se à Beata, Padre Cícero é quem ganha o papel central. Afinal, as tradições dos devotos fundaram a santidade primordial na figura do “Padrinho” e não na imagem da Beata que recebera o sangue de Cristo.

O sagrado e a sobrevivência

Severino José da Silva nasceu em 1922, no interior de Pernambuco. Aos nove anos, começou a lidar com a terra. A morte precoce do pai deu-lhe, ainda na infância, a responsabilidade de trabalhar para o sustento da mãe, três irmãs e um irmão. Como vários outros sertanejos, Severino logo ganhou gosto de ouvir poetas de cordel, cantadores em desafio e as várias histórias que contavam sobre os milagres do Padre Cícero. Com pouco mais de 20 anos, Severino fez sua primeira romaria. Da terra onde morava e trabalhava sempre saíam levas de peregrinos em busca de Juazeiro. De tanto ouvir casos de curas e outros prodígios, Severino decidiu conhecer, de perto, o lugar que nutria sua fé.

Em 1949, foi morar em Juazeiro. No meio de vários outros migrantes, Severino sentia-se envolvido pela possibilidade de encontrar emprego em uma cidade que rapidamente crescia. Trabalhou como servente, pedreiro e, depois, foi ser agricultor em cima da Serra do Horto, perto da grande casa construída pelo Padre Cícero em 1907. Lugar que os romeiros transformaram em uma “casa de ex-votos”. Foi nos arredores desse espaço sacralizado pelos peregrinos que Severino tirou o pão de cada dia para a esposa, dois filhos e uma filha. A forma como ele conta a decisão de morar em Juazeiro é bem significativa, na medida em que revela uma íntima relação entre sagrado e sobrevivência:

Régis: – Ah, o Sr. Veio pensando em arranjar um trabalho...

Severino: – Não. Eu num pensava tanto em trabalho. Eu pensava no que o Padre Cícero dizia que aqui era um lugar de romeiro... Um lugar apropriado mesmo para romeiro. Essa cidade ele dizia que era a cidade dos romeiros. E os romeiros que viessem praqui seguindo a doutrina dele, os ensinamento dele, Nossa Senhora ajudava, que nada

faltava. Aí eu vim pensando em comércio, eu já tava meio enjoado de agricultura... Mas quando eu cheguei aqui ainda trabalhei na agricultura... Na minha vida, passei sessenta anos na agricultura.

Régis: – Qual foi o seu primeiro emprego em Juazeiro?

Severino: – Eu trabalhei de servente, construção da Igreja dos Franciscano... O meu primeiro emprego mesmo foi na agricultura. Por que teve um padre Salesiano que disse: “olhe eu quero que o Sr. vá para o Horto, lá tem uma casinha que tá desocupada... Para o senhor dirigir lá, uma parte até o Santo Sepulcro... Prá receber renda de algodão, milho... Ser rendeiro. Aí vai ter também outro empregado lá embaixo.” Aí eu fiquei e trabalhei 30 anos com os Padres. De 62 e vim terminar agora em 90. Aí fiquei vivendo da aposentadoria e vendendo verso.

Viver como mandava a intuição não significava somente ter trabalho, era ter trabalho na terra dos romeiros, lugar onde “Nossa Senhora ajudava”. Afinal, o sagrado fazia parte das necessidades de cada dia. Era uma fé encarnada. Experiência concreta que borra os limites entre o Mundo e o Além. Desse modo, a vida de Severino confunde-se com a história de vários outros migrantes que fizeram o alargamento da periferia de Juazeiro, desde as primeiras transformações da hóstia em sangue.

Para escapar dos mais variados problemas – como pobreza, falta de chuvas, que-relas entre famílias ou algum tipo de perseguição –, os despossuídos do Sertão tinham no movimento migratório uma possibilidade razoável, e muitas vezes inevitável. Canudos, em fins do séc. XIX, e Juazeiro, até hoje, ocupam lugar de destaque nesses deslocamentos. São centros de atração para os migrantes em busca de uma melhor condição de vida.²

Em fins do século XIX, Juazeiro parecia um “Novo Canudos”: sua região periférica aumentava de tamanho todos os dias. Em 1890, havia no povoado cerca de 2.245 habitantes. Número que se elevou a 15.000 em 1909.³ Enquanto muitas localidades do Sertão perdiam habitantes, Juazeiro vivia em significativo aumento da densidade de-

2 Ao estudar os “votantes pobres no Império”, Maria Odila tece uma valiosa inferência sobre o movimento desses migrantes: “A historicidade da itinerância dos homens livres pobres e suas conjunturas de sobrevivência pressupõe o processo sempre renovado de dominação que os mantinha despojados. O destino de suas roças de subsistência e a contínua necessidade de renovação das táticas de sobrevivência determinavam o ritmo do processo de povoamento. (...) Ao mesmo tempo eram empurrados pela necessidade e pelo recurso de resistência ao controle social dos fazendeiros, das autoridades policiais, do fisco”. Maria Odila Leite da Silva Dias, “Sociabilidades sem História: votantes pobres no Império, 1824-1881”, em Marcos Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo, Contexto, 1998, p. 64.

3 Ralph Della Cava, *Milagre em Juazeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 153.

mográfica. No início do século XX, o povoado tinha, na sua região central, um aglomerado de atividades comerciais e de casas dos mais abastados, de maior tamanho e com fachadas que lembravam a arquitetura das grandes cidades.

Assim como Severino, a grande maioria dos migrantes que faziam a cidade aumentar de tamanho estava movida pela fé nos poderes do Padre Cícero. Afinal, a busca por uma melhor condição de vida estava, muitas vezes, entrelaçada com vivências do sagrado. Em fins da década de 40, quando Severino saiu de sua terra para morar em Juazeiro, era comum falar que essa era uma cidade onde não havia falta de emprego.

Aos olhos do sociólogo Sylvio Rabelo, Juazeiro era uma “cidade oficina”. Suas ruas estavam pontuadas de atividades ligadas ao artesanato, em uma intensidade que chamava a atenção dos visitantes. Era uma (con) fusão de residências, oficinas e pontos de comércio, como uma “aldeia do oriente”: “Ruas residenciais ou de comércio ainda abrigam oficinas de artesãos, sobretudo as mais bem organizadas – as dos ourives, dos sapateiros, dos marceneiros, dos fabricantes de armas, das costureiras de roupa de homem”⁴.

A “cidade das oficinas” era um espaço constituído por trabalhadores temporários. O grande contingente de homens, mulheres e crianças que procurava suprir a sobrevivência de cada dia caminhava em terreno frouxo e escorregadio. No comércio ambulante, nas negociações com outras cidades ou no trabalho das oficinas, as flutuações do mercado de oportunidades faziam com que o imprevisto de novos campos de atuação fosse uma prática comum e imprescindível. Muitos desses trabalhadores residiam nos limites da sobrevivência, envolvidos em um cotidiano espremido pela escassez, pelas crises periódicas – como as secas que ocorreram em 1915, em 1932 e em 1958 – e a concorrência do mercado, que, a partir dos anos 60, obliterava a produção das “indústrias domésticas” com as inovações tecnológicas para o aquecimento da produção em série.

Como tantos outros migrantes, Severino continuou a ter uma vida apertada pela falta de recursos. Na tentativa de aumentar o pouco dinheiro que ganhava, tornou-se poeta de cordel no início dos anos 70. Não era mais Severino José da Silva e sim Severino do Horto, um devoto seduzido pela idéia de fazer rimas sobre os mistérios da fé.

No folheto *O Papa em todo Brasil e Jesus Ressuscitado*, Severino diz: “Começo bem inspirado / na nova Jerusalém / falando sempre a verdade / os anjos digam amém

4 Sylvio Rabelo, *Os artesãos do Padre Cícero*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1976, p. 72.

/ pra eu vender o meu verso / na estrada do progresso / Jesus me ajuda também”. Antes de ser uma tática de oratória usada em vários cordéis, esse enunciado revela que a inspiração de Severino, e de muitos outros poetas, engendrava-se nas urdiduras da sobrevivência.

Artes de dizer

Severino faz parte de um heteróclito conjunto de “poetas-devotos”, como João de Cristo Rei, Manoel Caboclo ou José Bernardo da Silva. Encarna a peleja de uma tradição que atualiza, em múltiplas faces, as narrativas sobre os poderes do Padre Cícero. É um dos que recriam a sacralidade de Juazeiro, ritualizando a fundação da “Terra da Mãe de Deus”⁵.

Severino do Horto continua e reinventa a tradição poética que se constitui em Juazeiro nos anos 30, com os primeiros cordéis de João de Cristo Rei e a montagem da gráfica do poeta José Bernardo da Silva, que imprimia orações, benditos e folhetos sobre a vida do Padre Cícero. Antes, já havia uma produção em torno da temática, como os versos de Leandro Gomes de Barros, que foram publicados no jornal *O Rebate*, um pequeno semanário criado em 1909 para defender a autonomia política de Juazeiro. Mas o assunto só vai ter uma linha editorial mais permanente e avolumada em meados da década de 40.

José Bernardo nasceu em Alagoas, no dia 2 de novembro de 1901. Para escapar da seca de 1915, migrou para Pernambuco, onde começou a trabalhar na lavoura. Casou-se em 1924 e, em dezembro de 1926 fez a sua primeira romaria para Juazeiro, em uma viagem a pé, que durou mais de duas semanas. Foi e resolveu ficar. Para sustentar a mulher e uma filha, arranjou o emprego de vendedor ambulante de raízes medicinais. Além disso, improvisou na periferia da cidade roças de milho e feijão. No vaivém da feira de Juazeiro, José Bernardo tomou gosto pelos folhetos de cordel. Passou a vendê-los e, em pouco tempo, começou a ensaiar a composição de alguns versos. Não se transformou em um poeta de larga produção, como João de Cristo Rei ou Expedito

5 Para aprofundar essa questão, ver o estudo que desenvolvi anteriormente: Régis Lopes, *O Verbo Encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*, Ijuí, Editora da Unijuí, 1998. Ver também: Gilmar de Carvalho, *Madeira Matriz: cultura e memória*, São Paulo, Annablume, 1999.

Sebastião da Silva. Por outro lado, montou em 1926 uma tipografia que, durante as décadas de 40, 50 e 60, seria um dos maiores centros de confecção e distribuição de folhetos do Nordeste.⁶

Como lembra o poeta Exedito Sebastião da Silva, no folheto *Resumo biográfico de José Bernardo da Silva*, o sucesso da gráfica era de dar gosto: “É a tipografia São Francisco / se desenvolveu ligeiro / tornando-se conhecida / por este Brasil inteiro / graças à bênção que lhe deu / o santo de Juazeiro”⁷.

Em certa medida, o poeta Manoel Caboclo seguiu o caminho de José Bernardo. Também montou uma tipografia e, do final dos anos 50 até o início da década de 80, ocupou o lugar de grande produtor e distribuidor de cordéis, orações e almanaques. Severino do Horto é filho dessa tradição, bebe na fonte desses arautos que deram ressonância aos imaginários dos devotos de Juazeiro.

“Foi com o incentivo de Manoel Caboclo que eu comecei a fazer uns versos”, disse Severino durante uma entrevista, em 1999. Para imprimir seus folhetos, Severino quase sempre usava a gráfica de Manoel Caboclo. Nesses contatos, ia ampliando conhecimentos sobre a arte de fazer e vender folhetos. Para complementar o sustento da família, Severino vendia também a produção de outros poetas, como o grande sucesso editorial do amigo Manoel Caboclo, o *Almanaque Juízo do Ano*.

Outra grande influência na produção de Severino foi João de Cristo Rei:

João era muito meu amigo. Eu até já fui vender uns versos com ele na Paraíba... Ele sabia muita coisa aqui de Juazeiro, porque ele conheceu ainda o Padrinho Cícero. Eu não conheci... O que eu escrevo é de história que o povo mais antigo conta, e escrevo com a minha fé.⁸

Na poética de Severino, a matéria-prima do escrever é a audição e a fé ou, melhor, o escutar com fé, não só para anunciá-la, mas no intuito de possuí-la nas entranhas da carne, sobretudo no fundo da garganta. No ouvir e na performance oral de traduzir o que se escuta em métricas, a fé assume a condição de substrato, de fundamento encan-

6 Cf. Oswald Barroso, *Romeiros*, Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1989, p. 72.

7 Apud. Gilmar de Carvalho, Editoração de Folhetos Populares no Ceará, *Revista de Comunicação Social – UFC*, v. 17, 1987, p. 72.

8 Sobre a importância dos cordéis de Cristo Rei, ver: Régis Lopes, *João de Cristo Rei: o Profeta de Juazeiro*, Fortaleza, Secretaria de Cultura do Ceará, 1994.

tado e encarnado, como corpo de Cristo na boca da Beata Maria de Araújo. Em seus folhetos, a letra veicula a sonoridade que chega aos ouvidos e sai pela boca. Antes de tudo, ele é um poeta da oralidade.

Nos cordéis de Severino é possível vislumbrar as várias camadas de tempo que se cruzam na espacialidade de Juazeiro. Sua trajetória como romeiro e depois como migrante que foi para Juazeiro em busca de trabalho confunde-se, em certa medida, com a experiência vivida por vários outros devotos do Padre Cícero. O traço que o distingue em relação aos milhares de fiéis é sua peleja em registrar essa religiosidade na métrica do cordel.

Severino é um porta-voz do imaginário que faz de Juazeiro um lugar sagrado, imaginário do qual ele é criador e criatura. Perscrutar o que ele diz na voz-escrita de seus folhetos é ver que o espaço não é somente cálculo geométrico. Afinal, a sacralidade de Juazeiro existe na medida em que há uma urdidura de práticas socialmente compartilhadas, constitutivas de um sentido religioso para o lugar onde Padre Cícero fez sua morada.

Os folhetos de Severino, juntamente com muitos outros cordéis, são indícios das formas pelas quais se constitui a cultura dos fiéis de Juazeiro. Trata-se de uma produção poética que está escrita (e falada) na linguagem dos devotos, fazendo-a existir como meio de auto-compreensão e engendrando relações de pertencimento. Como ressalta Paul Ricoeur,

contrariamente à tradição do *cogito* e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata, devemos dizer que só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral, de tudo o que chamamos de o *si*, caso isso não fosse referido à linguagem e articulado pela literatura?⁹

Antes de ser escritor de cordéis, Severino é um poeta da voz. A escrita apresenta-se como suporte de transmissão da sonoridade da sua poesia. A fluência do verso não aparece em uma métrica de rigor matemático. Não é para ser lido com os olhos e sim com a boca e os ouvidos, encurtando e prolongando palavras, em um ritmo que oscila

9 Paul Ricoeur, *Interpretação e ideologias*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990, p. 58.

entre a oração e a profecia, ou entre a meditação e o louvor. Trata-se de uma escritura da oralidade. É por isso que o “serviço de som” tinha um significado especial para Severino:

Eu fiquei trabalhando na agricultura e fazendo verso. E tinha mais uma vantagem para mim... Os padre me deram a chance de falar no som. Lá nessa casa aí, que foi uma casa que meu padrinho mandou fazer. Porque aqui nessa Serra do Horto sempre teve romeiro. Na casa sempre tem um romeiro que vem rezar, pagar uma promessa. Tem muito movimento. Aí o padre deixou eu botar uma banquinha de vender oração e imagem e disse que eu podia falar no som. Aí dava certo. Eu falava no som aí lia os versos e os romeiros que estavam por aqui dizia: “olha esse verso... mas esse verso é até bom...”. Aí pronto. Tinha dia que eu vendia até oitenta versos. Depois apareceu um povo ganancioso. Até uma que queria ser cantora, e coisa e tal. Aí o Padre me tirou o serviço de som. Aí diminuiu muito... Mais eu passei uns dez anos com o som, que era bom demais, até, assim, 90.

O poeta que declama seu cordel como estratégia de *marketing* não é nenhuma novidade. Quase todos usavam esse expediente nas feiras do Sertão. Afinal, o folheto sempre guarda íntima ligação com oralidade. Mas, na poética de Severino, essa relação tem, em certa medida, um significado mais peculiar. Seu modo de compor traz momentos de maior proximidade com a voz, acontecendo em ritmos de ladainhas e louvações.

Certamente, isso guarda relação com sua vontade de tocar viola. Desejo que só veio se realizar em meados dos anos 90, quando ele comprou o instrumento e pagou algumas aulas de música: “*eu venho aprendendo viola, mais eu acho que eu já estou velho pra tocar, porque é um instrumento difícil. Se eu fosse mais novo... Tive que ficar a vida toda foi pegando na enxada. Se eu tivesse começado mais cedo...*”

No folheto *Um crime misterioso no pé da Serra do Horto*, Severino anuncia: “Nós todos somos romeiros / estamos aqui de passagem / tenha muito ou tenha pouco / diga que está de viagem / se morre até dum suspiro / mas para agüentar o martírio / é preciso ter coragem”. Se esse ritmo lembra uma oração, há outros que se fazem em forma de louvor, como o início do seu único folheto de quatro páginas *O Horto purificado sexta-feira da Paixão*:

Viva a Mãe de Deus e mãe nossa
viva o bom Jesus na Serra
viva os romeiros na terra
com eles não há quem possa

viva o homem da roça
viva a fé e a oração
do padre Cícero Romão
com dinheiro não quis apego
viva o Horto sem ter bêbado
Sexta-feira da Paixão.

Em *O valor da oração e o mistério do Rosário*, Severino articula um fluxo poético que guarda forte analogia com as ladainhas: “Rosário escada do céu / dá tudo que eu preciso / rosário dá mais juízo / rosário vale um tesouro / rosário chave de ouro / que destranca o paraíso”.

Em cada rima de Severino, vida e obra se (con)fundem. Como era de se esperar, a importância do rosário para sua religiosidade estava completamente enredada nas tradições dos romeiros. Como fiel seguidor do Padre Cícero, Severino sempre carrega o rosário no pescoço. Todos os dias, ele reza um rosário ao acordar, nas primeiras luzes do dia, e outro antes de dormir.

Nos momentos em que o rimar se aproxima do rezar, emerge com maior fluidez a musicalidade religiosa do cordel. Ao se tornar cúmplice do canto, o que é dito assume características próprias. Como mostra Paul Zumthor, “o canto erotiza o discurso”. Ao ser cantada, a linguagem exalta sua potência, “glorifica a palavra”¹⁰.

Na medida em que a rima de Severino assume uma performance musical, seu discurso dilata-se no calor da palavra entoada. Mais que isso: dizer torna-se um ritual de devoção. O encadeamento lingüístico (e gestual) de Severino não é um relato e sim um ato. Sua voz realiza uma oração, faz o contato dos mortais com o sagrado, (re)liga pela palavra, que é o sopro da vida.

É certo que os fiéis de Juazeiro fazem suas sentenças a partir do imaginário católico, mas, em muitos momentos, como é o caso do poeta Severino, o ritual transborda limites. Ao se operar em *artes de fazer*, em artes de inventar usos renovados para as tradições, a sua produção poética transita por idéias que não estão submetidas aos princípios do catolicismo oficial.¹¹

Além de tática de sobrevivência e forma de oração, o cordel de Severino evoca uma liturgia da memória, uma vontade de vencer o esquecimento. Quase sempre de

10 Paul Zumthor, *Introdução à poesia oral*, São Paulo, Hucitec/Educ, 1997.

11 Cf. Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*, Petrópolis, Vozes, 1994.

modo explícito, há um desejo de afastar o olvido em toda sua obra, desde os folhetos que enfocam os poderes do Padre Cícero ou a sacralidade do Horto até os que abordam a morte de Frei Damião, do Presidente Tancredo Neves ou de pessoas da sua convivência, como os cordéis *Um crime misterioso do pé da Serra do Horto – marido mata a mulher com 60 peixerada* e *Dor de uma mãe*, que conta a história de uma adolescente que foi violentada e morta.

Em *Um crime misterioso*, Severino termina sua narrativa com uma “Nota do Autor”: “O autor reserva o direito de propriedade na cópia fiel da ortografia sem emenda, nem corrigenda, para conservar a memória do Poeta, no compêndio da recordação de Maria Inácio Lima. Nasceu a 27-03-1932. Faleceu 11-12-1997”. Esse mesmo texto é impresso em outros folhetos. Nesses cordéis, o *post scriptum* apenas confirma (ou explicita) um traço marcante de toda sua obra: o desejo de, pelas rimas, livrar alguns fatos do esquecimento.

Por outro lado, referir-se à propriedade “sem emenda nem corrigenda” não é somente uma questão de preservar o direito autoral, mas também uma auto-afirmação como escritor, de certa autonomia em face da chamada “norma culta”. É uma tomada de posição em um mundo onde os pobres não têm acesso ao estudo e onde o universo das letras e dos números é usado como forma de poder e discriminação. Quando se percebe que sua poética nem sempre obedece aos padrões gramaticais, nem segue o rigor das métricas, é preciso considerar que isso acontece em um campo de tensões e exclusões que marginalizam a oralidade em nome de regras da palavra escrita. Mesmo concretizando-se na escrita, o substrato das memórias rimadas de Severino pertence, antes de tudo, ao território da oralidade.

Entre as várias memórias que não podem ter fim, emerge a lembrança da morte. Mortes de “grandes vultos”, como Frei Damião ou Tancredo Neves, ou de habitantes de Juazeiro que tiveram mortes trágicas. Não se trata somente de uma estratégia de vendas que explora a popularidade de fatos dramáticos. É uma memória-homenagem, uma forma de aliviar a perplexidade diante da morte, narrando-a e explicando-a no campo da fé católica.

Para Severino, esse ritual agônico e redentor não funciona na perda dos mais próximos. A história do seu filho assassinado por um pistoleiro e o falecimento da sua esposa não se transformaram em cordel. Não se trata propriamente de uma vontade de olvido. Nesse caso, lembrar significa sofrer, mas esquecer é negar sua vida, é apagar as marcas do tempo em seu rosto, ficar sem passado. No seu modo de viver, essa tensão insolúvel não gerou literatura.

No final do século XIX, o Horto já era diariamente visitado pelos romeiros. Depois da morte do Padre Cícero, em 1934, o fluxo de peregrinos aumenta, e o Horto continua a ser um lugar sagrado, onde uma significativa quantidade de devotos faz orações e rituais de simbiose com as forças do Além. Atualmente, o Horto, o túmulo do Padre Cícero e a casa onde ele morou são os pontos vitais da religiosidade dos milhares de devotos que fazem as romarias de Juazeiro.

Entre 1998 e 1999, havia uma grande placa na frente da casa construída pelo Padre Cícero em 1907, informando que a reforma do prédio fazia parte do “Projeto de Revitalização do Horto”. A obra e a publicidade evidenciavam, de modo trágico e cômico, a relação dos poderes públicos com o espaço de Juazeiro. Em nome da modernidade e do “turismo religioso”, que anda em *Topic* ou ônibus com ar condicionado, as obras eram divulgadas como forma adequada de revitalizar o Horto, um dos lugares de devoção de Juazeiro.

Revitalizar o que já tinha vitalidade sagrada não revela uma contradição para os poderes públicos, pois o que interessa, nesse caso, é a modernização de um espaço que tem “potencial turístico” e não as tradições dos romeiros. Antes da reforma, a casa era o lugar onde os romeiros depositavam ex-votos, seguindo o ritual de agradecer ao Padre Cícero uma graça alcançada. Havia o lugar onde funcionava uma capela e os outros compartimentos formavam um labirinto cheio de indícios dos problemas resolvidos com o poder do Padre Cícero: pedaços do corpo humano esculpidos em madeira ou moldados em gesso, cartas, bilhetes, fotografias, muletas... Era a Casa dos Milagres. Vitalidade primordial da religiosidade que faz de Juazeiro um dos maiores centros de romaria do país.

No início da década de 60 a Casa dos Milagres começou a fazer parte do cotidiano de Severino. Ao ser contratado para trabalhar como agricultor nas terras do Horto, ele fez moradia nos arredores desse lugar onde os romeiros pagavam suas promessas. Foi com esse movimento de devotos, diário e crescente, que Severino encontrou formas de complementar o sustento da família. Aproveitando o trânsito dos peregrinos, ele montou uma banca de vender materiais de devoção na porta da Casa dos Milagres. Passou a escrever cordéis sobre o Padre Cícero e a vendê-los juntamente com outras mercadorias da fé, como terços, imagens, orações, medalhas, rosários. Para aquecer as vendas, Severino lia seus cordéis com a ajuda de um microfone, como já foi visto em seu depoimento.

Em fins dos anos 80, Severino ficou proibido de usar o “serviço de som” que o ajudava na venda dos folhetos. Foi o começo de um processo de mudanças que lhe trouxe angústia e preocupação. Com o “Projeto de Revitalização”, ele foi obrigado a montar seu comércio em outro espaço. Foi deslocado para um lugar bem próximo, mas não tão bom para vendas quando a porta da Casa dos Milagres. Tudo isso não era somente um impedimento que atrapalhava seu “meio de vida”, mas um conjunto de acontecimentos que maculavam o seu lugar de devoção.

Com a reforma, a Casa de Milagres transformou-se num “Museu Vivo”, com bonecos de material sintético em cenários que reproduzem “passagens” da vida do Padre Cícero e um conjunto de vitrines contendo ex-votos, expostos como se expõem mercadorias em *shopping center*. Não se sabe em que sentido o romeiro gostou ou não dessa transformação. O certo é que o lugar sofreu uma intervenção alienígena. Não é mais um espaço do romeiro, mas um território feito para o romeiro, por um projeto que não tem vínculo com as tradições.

Para Severino, a “revitalização” é o prenúncio de maus acontecimentos. Aliás, não só para ele, mas para todos os vendedores que se arrancharam nos arredores da Casa dos Milagres transformada em “Museu Vivo”. Desde 1988, todos convivem com notícias sobre um projeto da prefeitura para “disciplinar e urbanizar” o Horto, que seria o fim do comércio improvisado que lá se faz. O medo de perder o lugar onde se ganha o pão de cada dia virou rotina na vida desses sertanejos que lutam em uma peleja sem fim para escapar da fome, e que aparecem nas estatísticas como “mercado informal de trabalho”.

Antes de ter início a reforma, Severino escreveu *A Casa Grande do Horto e os Sinais do fim do mundo*, com o intuito de mostrar que esse era um espaço que não poderia ser modificado:

Pois bolir com quem esta quieto
quem bole sempre se arrasa
a reforma desta casa
seja no pizo ou no teto
querem fazer no concreto
isto tal não aconteça
ou na segunda ou na terça
bolir aqui não é mole
quem com muitas pedras bole
uma lhe cai na cabeça.

A casa era um lugar sagrado: “a casa santa do horto / tem o valor da Matriz / e querem destruir ela / é o satanás quem diz / mais ele não toca nela / que meu Padrinho rezou nela / prosromeiros ser feliz”. Como era de se esperar, o argumento de Severino nada adiantou. Com pouco tempo, veio a reforma e, com ela, mais um folheto de protesto.

Em meados de 1999, Severino escreveu *O Horto em grande reforma – uns sorrindo e outros chorando*. Nesse folheto, ele assume, mais uma vez a condição de poeta destemido: “Fizeram casa bonita / pobre fica só olhando / dizendo: que era o Horto / e como está ficando / mais se o bom Jesus não voltar / pobre vai se liquidar / pois está se liquidando”.

Trata-se de um folheto em íntima relação com a angústia e a perplexidade vividas pelo autor em sua vida cotidiana. Além de comprometer o seu “meio de vida”, as mudanças representaram para ele a violação de um lugar sagrado. Mas, no seu entender, tudo isso não era somente uma maquinação do Demônio. A origem do sofrimento estava, também, na constituição das relações sociais. No folheto acima citado, Severino afirma que “Rico não gosta de pobre / toda vida foi assim”, pois “o pobre vive em deserto / mais quando o rico chega perto / o pobre logo tem fim”. Para reforçar sua posição, Severino avalia: “Este Horto se balança / parece que vai correr / os ricos embocaram agora / estão botando pra valer / se os Salesianos abrir mão / os pobres nem o coração / tem direito a bater”.

Para Severino, a ideologia que tudo justifica em nome do desenvolvimento aprofunda as mazelas das desigualdades sociais. No folheto *O reboliço do Horto e os Pobres sem paradeiro*, ele afirma: “o progresso é desumano / deixa o pobre já os tombos / com as tripas na cabeça / parecendo um malassombro / para ninguém não voar / deram ordem para cortar / também as asas dos pombos”.

Severino faz uma poética militante. Assumindo a condição de poeta destemido, não economiza palavras para se contrapor aos que maculam a imagem de Juazeiro ou do Padre Cícero. No folheto *Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo*, Severino dirige-se ao corpo eclesiástico de modo incisivo e com larga autonomia. Não poupa críticas aos padres, aos bispos ou a qualquer um que não acreditou ou não acredita nos prodígios de Juazeiro. Em uma métrica que lembra a voz dos profetas, ele anuncia:

Sangue Divino na terra
negado por Lúcifer
e pelos fracos de fé
que quiseram fazer guerra

mais o poeta não erra
nem escuta Satanás
porque Jesus é meu pai
me ampara na necessidade
quem negar esta verdade
morre doído e nada faz.

O embate entre Padre Cícero e o Bispo assume a condição de luta entre Deus e o Diabo: “Mais Satanás invejoso / no plano de perturbar / disse Bispo, humilhe o padre / mande ele se calar (...)”. Dando continuidade à sua narrativa em forma de oração, Severino constrói a imagem do Padrinho como um padre completamente insubmisso: “(...) disse: a verdade eu não nego / antes eu prefiro a morte / sou um padre Nordestino / não nego o sangue Divino / no Juazeiro do Norte”. Logo em seguida, há uma comparação com outro padre: “Padre Monsenhor Monteiro / disse a verdade eu não nego / quero cegar se eu negar / pois esta cruz eu carrego / mais o padre fracassou / perante o Bispo negou / terminou morrendo cégo”. Mesmo reconhecendo que o Papa é o líder supremo da cristandade, Severino faz a seguinte ponderação:

Digo sem pedir segredo
o Papa é o maior do mundo
é João Paulo Segundo
que prega uma missão sem medo
é sucessor de São Pedro
é maior chefe cristão
se ajoelha e beija o chão
mais só passa ser romeiro
se visitar Juazeiro
do Padre Cícero Romão.

Sentir a poética de Severino significa percebê-lo como um poeta-devoto, que escreve com a voz de quem está rezando. Métrica de mistérios do sagrado e das táticas de sobrevivência. Inspiração colada nas vivências do cotidiano e na esperança da vida eterna, com as graças do Padre Cícero. Severino fez do cordel uma forma de expressar sua vida de peregrino que migrou para a cidade do Padre Cícero, com a certeza de ter a proteção de Nossa Senhora das Dores. De todas as dores do mundo.